

O PROCESSO DE NATURALIZAÇÃO DOS ATLETAS DE HANDEBOL PELO CATAR

*Rhuan Paes de Lucena¹
José Geraldo do Carmo Salles²*

RESUMO

Ao longo da história do esporte se pode perceber como é comum alguns atletas passarem a representar países que não se relacionam à sua origem. A 24ª edição do Campeonato Mundial de Handebol Masculino Adulto 2015 ocorreu no Catar – um país árabe localizado no oriente médio que na modalidade está vinculado ao continente asiático. Um projeto do governo absolutista catari tem buscado sediar alguns dos principais eventos esportivos internacionais. Até este mundial o handebol do Catar não tinha nenhuma expressão internacional. Entretanto, através de um processo de naturalização de atletas de diversos países, conseguiu reunir uma seleção com elevada competência técnica, o que culminou com a conquista da segunda colocação no evento. A naturalização e a dupla cidadania dos atletas são ações comuns nos esportes em geral e, neste caso, seguiram as normas da International Handball Federation (IHF). Esse expediente tem sido utilizado nos esportes em geral desde seus primórdios, ainda nos Jogos Olímpicos da Antiguidade. Na atualidade, cada federação busca tratar de suas normas para o processo de permissão dessas inclusões de atletas não nativos. O objetivo deste ensaio foi traçar um paralelo entre esse fato ocorrido no handebol com a modalidade de futebol. Serão apresentados os indicadores desse processo de naturalização forçada no campo da política esportiva internacional que permitiu ao Catar formar essa equipe, que passou a ser questionada pelos demais países praticantes. Todavia, ao verificar as fichas informativas de outras seleções de handebol de alguns países europeus, pode-se notar que a naturalização é algo corriqueiro. O que parece ter

Recebido para publicação em 06/2016.

¹Bacharel em Educação Física – Universidade Federal de Viçosa.

²Professor do Departamento de Educação Física – UFV.

criado esse descontentamento foi a falta de tradição esportiva do Catar, ocupando uma posição de destaque no mapa do handebol internacional.

Palavras-chave: handebol, naturalização, política esportiva, IHF, Campeonato Mundial de Handebol Catar 2015.

INTRODUÇÃO

O processo de imigração, naturalização e dupla nacionalidade no campo esportivo não é um mecanismo recente. Desde muito cedo atletas eram convidados a representar outras bandeiras. Remonta aos primeiros Jogos Olímpicos Gregos da Antiguidade o fato de que grande número de atletas optou por fazer das suas capacidades atléticas um carreirismo de alto lucro na competição, e, por isso, não hesitava em mudar sua cidadania para representar aquela cidade que mais lhes pagasse (CE, 1986). Nesse sentido, os ideais esportivos que pareciam sustentar o romantismo que atravessou muitos séculos, chegando a contemporaneidade, já demonstravam sua fragilidade. Assim, a vitória como sinal de favor divino, aquele que era o eleito pelos deuses, não mais sustentava o imaginário do atleta, que já vislumbra outras recompensas pelos seus feitos heroicos. Por certo, esses ideais puritanos e emocionais que conduziram alguns esportistas ao longo do período da transformação do amadorismo para o profissionalismo perderam a força (SALLES; SOARES, 2002).

A retomada dos Jogos Olímpicos Modernos em 1896, que buscava reativar as tradições esportivas implantadas pelos gregos, ao promover os encontros esportivos entre as nações, logo se mostrou distanciada das concepções que notaram o Barão de Coubertin e seus amigos da elite. Os ideais promulgados pelos reformadores dos jogos se sustentavam na retórica do esporte limpo, praticado pela aristocracia e fundamentado sobre as virtudes morais do homem. (SALLES; SOARES, 2002).

Rapidamente o processo de globalização e as tensões políticas muito marcantes nos séculos XIX e XX no cenário mundial acabaram colocando o esporte como um dos mecanismos latentes de emulação ideológica nos contornos da ordem internacional. É o esporte representando a força e a capacidade de demonstrar poder. Assim,

naturalmente os modos de ser do atleta foram realocados no sentido de atender a esse conflito de ordem simbólica. Uma guerra travada sem as armas letais, no sentido concebido por Elias (1992, 1993). Para esse autor, o esporte moderno passou a representar uma forma civilizadora de polir os instintos humanos frente à agressividade, violência, paixão etc.

Todavia, o apreço público pelo esporte e as demandas relacionadas à manutenção dos eventos em grande escala rapidamente o colocam também como um ramo da ordem capitalista, cuja lógica basal é o acúmulo. E, ao ser governado pelos interesses, passou a ser um local de negócios, em que se misturam diversos princípios: divertimento, dinheiro, poder, fama, entre outros (SALLES, 2004). Assim, a classe elitista que praticava e dominava o esporte sobre os ideais da distinção e honra é forçada a assumir e incorporar novas configurações.

A tensão entre o amadorismo e o profissionalismo durou até bem recentemente no seio esportivo, fomentando ainda discursos que acendem o debate sobre o princípio dos valores morais educativos que deveriam estar resguardados no esporte. O interesse financeiro do atleta e dos dirigentes parece trazer uma inquietude de ordem puritana. Uma desconfiança que ainda permance na atualidade é o fato de que o esporte como negócio possa ser corrompido. Recai sobre essa análise a ideia de que o valor da honestidade possa se perder quando os atletas se colocam como profissionais, buscando melhores salários (SALLES, 2004). Soma-se a isso o fato de o esporte como ramo do entretenimento demandar uma constante melhoria na concepção do espetáculo. Para isso, os melhores são constantemente requisitados, seja em suas façanhas individuais ou coletivas. E, para ser o melhor, mais tempo de dedicação ao treinamento torna-se necessário. Para que o atleta tenha tempo para o treinamento, alguém tem que pagar pelo seu empenho e dedicação. Na atualidade, o amadorismo³ parece não ter espaço no esporte de alto rendimento.

O atleta, ao se ver como um ramo lucrativo que faz circular a economia de forma planetária, passa a entender que pode requisitar

³ “O conceito de amadorismo no esporte encontra-se desarticulado diante de variadas perspectivas analíticas. Trata-se de um conceito fluido, dotado de polissemia e ambiguidade, em que seus contornos tornam-se obscuros, não se afinam, deixando margens para inúmeras possibilidades interpretativas” (SALLES; SOARES, 2002, p. 437).

parte desse lucro circulante. Algo que não era visto com bons olhos pela elite conservadora. Max Weber, ao final do século XVIII, escreveu a sua mais famosa obra (*A ética protestante e o espírito do capitalismo*) sinalizando essa lógica do anseio pelo dinheiro. O autor argumenta que a “ânsia por lucro”, o “impulso para a aquisição” e “o quanto mais dinheiro melhor” tornaram-se a força mais significativa da vida moderna e que parece ser comum a todos os cidadãos. Para o autor, esse impulso existiu e existe em todas as classes sociais, em todas as épocas e em todos os povos (WEBER, 2006).

Dessa forma, nenhuma modalidade esportiva que consegue receber a atenção popular distancia-se dessa lógica global. A valorização dos indivíduos proporciona a boa competência competitiva. Nessa perspectiva, atletas de distintos países passam a representar clubes internacionais e estado/nação que não da sua origem, estabelecendo uma fluidez de propósitos.

Migração, naturalização e dupla cidadania nas representações esportivas

A migração é um processo de entrada ou saída de indivíduos ou grupos nos distintos territórios que acompanha o desenvolvimento da humanidade e de muitas espécies animais. No caso humano, vários motivos podem conduzir o indivíduo a se deslocar do seu ambiente de origem para outros visando atender aos seus anseios e necessidades, entre eles: a busca por melhores condições de trabalho, por qualidade de vida, fuga de conflitos, por ação de expulsão frente a catástrofes naturais, por interesse puramente pessoal e a busca de conhecimento.

No esporte em geral, o processo de migração está relacionado a três motivos, *a priori*: por melhores condições para o treinamento (conhecimentos técnicos, equipamentos, condições ambientais etc.), por melhores salários e pelo interesse em jogar em um país em que a modalidade tem alto grau de desenvolvimento.

O processo de *naturalização* é definido por Ribeiro (2006) como o fato de um indivíduo, de forma voluntária, optar por outra nacionalidade que não a sua de origem. Já como *dupla nacionalidade* o autor refere-se ao fato de um indivíduo tornar-se titular de nacionalidade em dois países ao mesmo tempo.

Do ponto de vista internacional, emigrar ou imigrar são ações de pouco controle, devido à falta de vigília diante de todas as

possibilidades de fuga ou de entrada em cada estado-nação. As fronteiras nem sempre são totalmente controladas. Por outro lado, naturalizar ou adquirir a dupla nacionalidade, oficialmente, está relacionado às normas estabelecidas por cada estado-nação.

A tensão internacional acerca destes processos (migração, naturalização e dupla nacionalidade) no campo esportivo há muito tempo vem gerando transtornos entre os países e também entre as instituições gestoras dos esportes. Essa situação remonta desde os anos finais do século XIX, principalmente após o ressurgimento dos Jogos Olímpicos Modernos (SALLES, 2004). O Comitê Olímpico Internacional (COI) e as outras instituições gestoras do esporte, como a *Federacion International Football Asociation* (FIFA), *Federation Internationale de Natacion* (FINA), *International Asociacion of Athetics Federations* (IAAF), *International Handball Association* (IHF), entre outras, de tempo em tempo retomam as discussões sobre o direito de pertencimento do atleta, porém o que se vê na atualidade é que o poder econômico tem provocado mudanças significativas no cenário das representações esportivas. A questão da identidade e do pertencimento nas representações esportivas tem sido pouco investigada. Essa é uma lacuna que merece mais atenção das ciências sociais. Este texto não tem inicialmente essa pretensão. Apenas entendem os autores que esse conhecimento pode ser uma chave para melhor esclarecimento sobre os conflitos relativos à inclusão de indivíduos em algumas seleções nacionais. Siekmann (2006) aponta que em 2005 o Centro Internacional de Estudo do Esporte (CIES) promoveu na Suíça uma conferência para tratar das ações relativas à naturalização dos atletas. De imediato, entenderam a dificuldade de se estabelecer um consenso, visto que as exigências normativas impostas por cada estado-nação eram divergentes. Em alguns o processo de naturalização só deveria ocorrer após o interessado comprovar residência de pelo menos três anos, enquanto em outros esse prazo poderia ser de 2, 5 e 10 anos. Em outros estados, o indivíduo não tem o direito de mudar sua cidadania, como é o caso de alguns países do oriente médio e da Coreia do Norte (SILVA; RIGO; FREITAS, 2012). Entretanto, o que se percebe é o fato de que, quando há o interesse político e/ou coletivo, esse prazo pode ser antecipado (SIEKMANN, 2006). Essa situação cria um embaraço para os legisladores esportivos, pois a falta de um posicionamento comum acaba por gerar as tensões frente aos interesses do indivíduo e do Estado.

Diante da dificuldade de se tratar de forma coletiva as situações, as prerrogativas para o pertencimento nas seleções esportivas passam a seguir regras singulares, estabelecidas por cada federação. A situação vai se configurando e moldando-se diante das pressões políticas e econômicas, bem como dos acontecimentos em cada modalidade.

O futebol, por exemplo, desde as primeiras Copas do Mundo, por não ter uma determinação que restringia a pátrioção de jogadores de outras nações, utilizou-se dessa possibilidade para formar equipes com alto grau de competência. Em 1934, o governo de Mussolini, visando à divulgação do fascismo, contratou jogadores argentinos e um brasileiro para formar uma seleção que viria a ser campeã mundial. O mesmo fato ocorreria na Copa de 1938 com a seleção alemã, que foi composta por sete jogadores austríacos. No Mundial de 1950 esse expediente foi utilizado pela equipe dos Estados Unidos, que foi composta por dois jogadores portugueses, um italiano e um belga. Para a Copa de 1958 a Itália havia se reforçado com dois jogadores uruguaios, Ghiggia e Schiaffino, campeões mundiais em 1950, mas a equipe italiana acabou ficando fora da Copa. Na Copa de 1962, a Espanha e a Itália também voltaram a ter em suas representações jogadores já consagrados mundialmente em seleções de outras nações (DUARTE, 1994).

Para Oliveira et al. (2006), ficou evidente a forma como o futebol foi usado como elemento simbólico para afirmação da identidade nacional por alguns países nas edições iniciais de Copas do Mundo, principalmente naqueles em que o esporte era gerenciado pelo Estado.⁴ Assim, uma vez que, por interesse do Estado, essa ação se tornou legítima, por que seria diferente para o interesse pessoal do atleta?

No entanto, em 1962 a FIFA procurou limitar a forma como cada país poderia utilizar jogadores não nativos na formação de suas equipes. Esse processo minimizou as ações dos interessados em formar seleções competitivas com o “pé-de-obra” de outras nações. As seleções europeias sempre puderam se beneficiar da incorporação de jogadores de suas colônias, sobretudo as africanas. Também a partir das normativas relativas à Comunidade Europeia (Lei Bosman de

⁴ O mundo encontrava-se em período de grande tensão entre algumas das mais potentes nações. As grandes guerras marcaram esse período, e o esporte foi mais um palco desse processo.

1995)⁵, novos mecanismos passaram a permitir o fluxo dos jogadores europeus. Oliveira et al. (2006) apontam que houve crescimento de quase 100% no número de jogadores com dupla nacionalidade ou naturalizados entre a Copa de 2002 (34 jogadores) e a Copa de 2006 (67 jogadores). Silva et al. (2012) mostram que após a adoção da Lei Bosman houve aumento da circulação dos jogadores entre os países pertencentes a bloco. “Em 1996, um ano após entrar em vigor, 381 jogadores europeus trocaram de país, 50% a mais que o ocorrido no ano anterior, que foi de 254.”

A entidade máxima do futebol, na tentativa de diminuir esse fluxo, estabeleceu em 2008, no 58º FIFA Congress realizado em Sidney, as regulamentações para o processo de naturalização e dupla nacionalidade dos jogadores. O documento (Circular nº1147 – jun./2008) estabelece que o jogador, seus pais ou avós devem ter nascido no país que pretende defender, ou, ainda, que o jogador resida há pelo menos cinco anos na nação em que quer se naturalizar após completar 18 anos. Estes princípios (nascimento, familiarização e residência) ainda se confrontam com o fato de que, se o interessado já participou de uma partida oficial por outro país, não mais poderá se naturalizar (FIFA, 2008).

O esporte, nestas últimas décadas, passou a determinar outros princípios para estabelecer o que é a nacionalidade (nacionalidade esportiva), a qual opera além da nacionalidade comum, que é determinada pelas leis dos Estados-nação. Essa nacionalidade esportiva é determinante para saber se o atleta poderá participar de competições oficiais (Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos) representando outras bandeiras.

A IHF estabeleceu também algumas regras para que o atleta esteja liberado para representar outra nação. Observa-se um pouco mais de tolerância na IHF em relação à FIFA. Para a entidade gestora do handebol mundial, apenas um período de três anos sem atuar para a seleção de origem permite ao atleta naturalizar ou adquirir dupla cidadania e compor outra seleção. Essa situação no handebol internacional também não é recente, embora as normativas venham sendo ajustadas. O caso mais conhecido foi do atleta natural do Quirguistão (ex-integrante da União Soviética) Talent Dujshebaev, que

⁵ Lei do Tribunal de Justiça da União Europeia aprovada em 1995, em síntese, passou a entender que os jogadores europeus deveriam ter o mesmo direito que os demais trabalhadores, o que lhes permitiria a livre circulação nos países pertencentes ao bloco.

antes de se naturalizar espanhol em 1995, após se tornar campeão olímpico em Barcelona 1992, representando a Equipe Unificada da Comunidade dos Estados Independentes (CEI)⁶, foi também campeão mundial pela Rússia em 1993, na Suécia. Já pela equipe espanhola, Dujšebaev foi duas vezes medalha de bronze nos Jogos Olímpicos (Atlanta 1996 e Sidney 2000). Portanto, um atleta que o handebol lhe permitiu romper com as barreiras internacionais do pertencimento, representando quatro bandeiras (União Soviética, Comunidade dos Estados Independentes, Rússia e Espanha).

Também não é incomum esse fato na atualidade em algumas seleções europeias de handebol. De tempo em tempo pode-se perceber a inclusão de alguns jogadores de origens diferentes da dos Estados os quais representam. São vínculos estabelecidos de formas distintas, seja por processo de migração, naturalização ou dupla cidadania, ou, ainda, por ter nascido em uma ex-colônia.

A França tem em sua atual seleção atletas não franceses: Nikola Karabatic, Luka Karabatic (sérvios) e Daouda Karaboué (marfirnês). Nikola Karabatic, desde o início dos anos 2000, vem sendo um dos principais jogadores do mundo. É bicampeão olímpico (Pequim 2008 e Londres 2014), tricampeão mundial (Croácia 2009, Suécia 2011 e Catar 2015) e também tricampeão europeu (Suíça 2006, Áustria 2010 e Dinamarca 2014). Foi eleito o melhor jogador do mundo nos anos de 2007 e 2014, além de MVP⁷ em outros eventos internacionais. Daouda Karaboué é também um vitorioso goleiro que conquistou seis medalhas de ouro: duas nos Jogos Olímpicos, duas nos campeonatos mundiais e duas no campeonato europeu.

No feminino também temos alguns exemplos. A seleção espanhola atual tem a portuguesa Alexandrina Cabral, a brasileira Darly Zogbi e, no ciclo olímpico passado, a romena Mihaela Ciobanu. A seleção olímpica de Montenegro de 2012 (medalha de prata) e 2016 (Rio 2016)

⁶Tratava-se de uma organização internacional que envolvia onze repúblicas que pertenciam à antiga União Soviética. Esta organização fundada em 1991 teve como propósito pressionar o presidente Boris Ieltsin para dissolução da União Soviética (PLOKHY, 2014). Assim, nos Jogos Olímpicos de Barcelona, essas onze repúblicas (Armênia, Azerbaijão, Bielorrússia, Geórgia, Cazaquistão, Quirguistão, Moldávia, Tajiquistão, Turcomenistão, Ucrânia e Uzbequistão) e a Rússia, para não representar a União Soviética, competiram representando uma bandeira independente, denominada de Equipe Unificada.

⁷*Most Valuable Player* – jogador mais valioso.

foi também composta por atletas oriundas da Sérvia e da Bósnia, como é o caso de Katarina Bulatovic (artilheira dos Jogos Olímpicos 2012 e do Campeonato Europeu 2012).

Apesar das constatações quanto à constante e longa utilização de jogadores de outras nações nas principais seleções mundiais, recentemente o mundo do handebol se viu novamente em crise devido à composição dos atletas naturalizados que formaram a equipe do Catar, que se tornou vice-campeã mundial em 2015, no evento promovido pelo próprio país⁸. Segundo o porta-voz do Comitê Olímpico do Catar, Mohammed Al-Fadhala, trata-se de uma política planejada visando massificar a modalidade e incentivar o surgimento de talentos no país, que tem escassez de valores esportivos (MONIR; AL THANI, 2015).

Até esse evento, o handebol do país era inexpressivo no cenário internacional. Inclusive na Asian Handball Federation (AHF), à qual pertence, ainda não havia obtido nenhuma conquista. Das doze participações, somente foi conseguir o primeiro título asiático após o processo de naturalização, em 2014.

Para formar uma seleção com alto padrão competitivo, iniciou contratando um prestigiado treinador espanhol, Valero Rivera⁹, que havia sido campeão mundial pela Espanha em 2013. Rivera indicou aos comandantes do handebol catari os jogadores que gostaria de ter na equipe. Visando o mundial de 2015, os gestores da modalidade, após vários processos de naturalização e acordos, conseguiram formar uma equipe com alto padrão de competição, contratando jogadores dentro da mesma lógica que é comum aos esportes em clubes.

O Campeonato Mundial de Handebol Masculino começou a ser disputado em 1938. Atualmente, sua periodicidade é de 2 anos. Das 22 edições realizadas, a seleção do Catar participou de apenas cinco, a partir de 2003 (Quadro 1).

⁸Para sediar o evento, o governo catari mandou construir 3 ginásios com estruturas compatíveis com as dos melhores ginásios mundiais: 1 - Duhail Handball Sports Hall - Doha (5.500 lugares); 2 - Arena Ali Bin Hamad Al Attiya - Doha (7.700 lugares); 3 - Arena de Desportos de Lusail (15.300 lugares) em Lusail.

⁹Valero Rivera Lopez nasceu em 1953 em Zaragoza, Espanha. Foi atleta do Clube Barcelona. Ao encerrar a carreira, assumiu a condição de treinador da mesma equipe entre os anos de 1983 e 2003. Conseguiu montar uma equipe que conquistou mais de 50 títulos, além de seis Copas Europeias. No comando da seleção espanhola, foi medalha de bronze na Suécia em 2011 e Ouro na Espanha em 2013.

Quadro 1 - Participação do Catar nos Campeonatos Mundiais de Handebol

Ano	Sede	Colocação
2003	Portugal	16
2005	Tunísia	21
2007	Alemanha	23
2009	Croácia	Não classificou
2011	Suécia	Não classificou
2013	Espanha	20
2015	Catar	2

Fonte: Informações disponíveis no site oficial da Qatar Handball Assoc.¹⁰

Conforme se pode perceber no Quadro 2, no Mundial de 2013, realizado na Espanha, o Catar foi eliminado ainda na fase classificatória, vencendo apenas um jogo, contra a seleção chilena, nos sete jogos disputados; terminou o evento na 20ª colocação, com saldo negativo de 35 gols.

Quadro 2 - Confrontos, placares e saldo de gols do Catar no Mundial 2013 (Espanha)

Fase		Placares				Saldo
Classificatória	Dinamarca	41	X	27	Catar	-14
	Catar	30	X	34	Macedônia	- 4
	Catar	21	X	29	Rússia	- 8
	Chile	23	X	31	Catar	+ 8
	Islândia	39	X	29	Catar	- 10
President´s Cup – Torneio realizado no Mundial pelas equipes desclassificadas na primeira fase						
Disputa do 19º lugar	Argentina	30	X	26	Catar	- 4
	Catar	30	X	33	Arábia Saudita	- 3
					Saldo	- 35

Fonte: Info IHF - Men´s World Championships 2013, Spain.

A rápida ascensão do Catar pode ser observada no Quadro 3. Um país sem nenhuma tradição no esporte tornou-se finalista de um Campeonato Mundial. Um fato inédito e pouco imaginado pelas demais potências do esporte, pois jamais um país não europeu havia chegado ao quadro de medalhas até o ano de 2015¹¹, quando o Catar venceu

¹⁰Qatar Handball Assoc. <http://www.mdps.gov.qa/ar/Pages/default.aspx>

¹¹As únicas equipes não europeias que conseguiram ficar entre as oito primeiras colocadas em mundiais até 2013 haviam sido: Egito (1995 – 6º, 1997 – 6º, 1999 – 7º, 2001 – 4º); Cuba (1997 – 8º), Coreia do Sul (1997 – 8º) e Tunísia (2005 – 4º).

sete dos nove jogos disputados, inclusive com vitórias sobre tradicionais equipes europeias (Eslovênia, Alemanha e Polônia).

Quadro 3 - Confrontos, placares e saldo de gols do Catar no Mundial de 2015

Fase	Placares				Saldo	
	Catar					
Classificatória	Catar	28	X	23	Brasil	+5
	Chile	20	X	27	Catar	+7
	Eslovênia	29	X	31	Catar	+2
	Catar	25	X	28	Espanha	-3
	Catar	26	X	22	Bielorrússia	+4
Oitavas-de-final	Áustria	27	X	29	Catar	+2
Quartas-de-final	Catar	26	X	24	Alemanha	+2
Semifinal	Polônia	29	X	31	Catar	+2
Final	Catar	22	X	25	França	-3
Saldo ao final da competição					18	

Fonte: Info IHF - Men's World Championships 2015, Qatar.

Obviamente a descrença sobre a força do handebol masculino dos países pertencentes ao Oriente Médio¹² levou aos questionamentos sobre o processo de formação dessa equipe catari. Todos sabiam previamente da arquitetura que foi desenvolvida para o processo de naturalização dos atletas, porém não se imaginava que essa articulação seria capaz de atingir tal patamar competitivo. Todavia, essa situação mexeu com os interesses e as representações esportivas, pois conseguiram contratar alguns dos melhores jogadores da atualidade, embora alguns deles com idades avançadas em relação aos demais atletas.

Dos dezesseis atletas selecionados para a competição mundial, onze nasceram em outros países. No Quadro 4 podem-se observar os atletas naturalizados, o país de origem, o clube anterior à naturalização e o clube atual após esse processo.¹³ Danijel Saric é destaque como goleiro do Futbol Club Barcelona da Espanha, uma das melhores equipes de handebol do mundo. Antes, porém, de defender o Catar, foi atleta de outras três seleções: Sérvia e Montenegro, Sérvia e Bósnia Hezergovina. Outro destaque neste grupo foi Bertrand Roiné, campeão mundial pela França na Suécia em 2011. O cubano Rafael Capote foi eleito o melhor armador esquerdo do Mundial 2015.

¹²Geograficamente, é o local do planeta Terra em que se encontra a junção dos continentes europeu, africano e asiático.

¹³Os valores que o técnico e os atletas receberam para representar o Qatar são velados. Alguns jornais e fontes da mídia internacional especulam, mas nenhum apresenta os reais valores.

Ele abandonou a seleção do seu país durante os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 aos 20 anos e pediu asilo político ao governo brasileiro. Mais tarde se transferiu para o continente europeu. Goran Stojanovic, antes de se naturalizar catari, representou as seleções da antiga Iugoslávia, da Sérvia e Montenegro e de Montenegro. Borja Vidal Fernandez nasceu na Espanha e, antes de jogar como pivô pela seleção do Catar, foi jogador de basquetebol. Jovo Damjanovic, quando foi para o Catar, era um jovem atleta promissor montenegrino. Zarko Markovic também é natural de Montenegro e também já havia representado a seleção de seu país. Foi eleito o melhor armador direito do Mundial 2015. Hassan Mabrouk foi jogador da seleção egípcia que participou dos Jogos Olímpicos de 2008. Eldar Memisevic, quando se naturalizou, era um jovem jogador da Bósnia.

Quadro 4 - Atletas naturalizados pelo Catar: país de origem, ano de nascimento, seus clubes atuais e antes da naturalização (2015)

Nome	Data de Nasc.	País de Origem	Clube Anterior	Clube no período do Mundial
Youssef Benali	1987	Tunísia	Spérance Tunis (TUN)	Lekhwiya SC (QAT)
Zarko Markovic	1986	Sérvia	HSV Hamburg (ALE)	Al-Jaish (QAT)
Bertrand Roiné	1981	França	Chambéry Savoie HB (FRA)	Al-Ahli (QAT)
Borja V. Fernandez	1981	Espanha	HBC Nantes (FRA)	Al-Qiyadah Handbal (QAT)
Danijel Saric	1987	Bósnia	Portland S. Antônio (ESP)	Barcelona (ESP)
Jovo Damjanovic	1996	Montenegro	RK Sutjeska/ (MON)	El Jaish (QAT)
Goran Stojanovic	1977	Montenegro	Hein-Neckar Löwen (ALE)	Al-Jaish SC (QAT)
Eldar Memisevic(*)	1992	Bósnia	El Jaish (QAT)	El Jaish (QAT)
Hassan Mabrouk (*)	1982	Egito	El Jaish (QAT)	El Jaish (QAT)
Rafael Capote	1987	Cuba	CB Ciudad de Logroño (ESP)	El Jaish (QAT)
Ameen Zakkar	1994	Síria	(**)	Al Rayyan (QAT)

(*) Atletas que foram naturalizados para o Mundial de 2013 na Espanha.

(**)Nenhuma fonte foi encontrada sobre o clube a que pertencia antes de se naturalizar.

Fonte: Sites dos clubes e IHF.

Também no mesmo ano, a representação do Catar que participou do Campeonato Mundial de Handebol Júnior Masculino Brasil 2015 apresentou o mesmo expediente, todavia os atletas naturalizados passaram a adotar nomes árabes, o que dificulta investigar a origem.

A naturalização inicialmente consentida pela IHF tinha como foco dar oportunidade aqueles atletas de elevado talento que não teriam a possibilidade de jogar por suas seleções de origem nos grandes eventos, devido a não ter jogadores com potencial para formar seleções

competitivas. Contudo, atualmente a naturalização ou a dupla naturalização quase sempre estão relacionadas aos aspectos financeiros: um atleta é convidado por uma seleção para representá-la e, em contrapartida, recebe alguma bonificação, ou por vislumbrar melhores possibilidades de representação em outros Estados-nação.

A possibilidade de naturalização ou dupla naturalização do indivíduo no campo esportivo pode relacionar-se a distintos fatores, conforme relatado a seguir.

Atletas exilados

Em viagens representativas das seleções nacionais ou de clubes esportivos, alguns atletas abandonam a delegação, principalmente aqueles que entendem a sua condição prestigiada como esportista e que poderão firmar contratos de trabalho. Esse fato, em geral, acontece com os atletas pertencentes a alguns Estados-nação que mantêm o regime fechado (autoritário, ditador, tirano, absolutista etc.), como China, Coreia do Norte, Cuba, entre outros.

Após pedir refúgio em outros países, o atleta não mais conseguiria retornar à sua nação, sofrendo severas consequências desse abandono. Nessa condição, jamais voltaria a ser convocado para a seleção de seu país, não lhe restando outra opção que não buscar uma nação que o acolha. Essa situação é bem comum para os atletas cubanos em diferentes modalidades, que aproveitam para deixar o país durante a excursão para alguns eventos internacionais (UOL, 2015¹⁴; REUTERS, 2015¹⁵).

Interesse pessoal frente aos grandes eventos

Alguns atletas, devido à concorrência em seu país, buscam outras nações visando a realização do sonho olímpico, bem como a participação nos campeonatos mundiais e eventos de destaque internacional. Essa situação é bem comum e foi o que motivou atletas de judô brasileiros a buscarem uma pátria em que pudessem garantir a vaga, como ocorreu com os atletas Víctor Karabourniotis, Teciana Lima, Nacif Elias, Sérgio Pessoa, Camila Minakawa, Carlos Luz e

¹⁴<http://espn.uol.com.br/noticia/513812dois-jogadores-cubanos-de-volei-desertaram-nos-estados-unidos-diz-jornal>

¹⁵<https://esportes.yahoo.com/noticias/quatro-atletas-cubanos-remo-desertam-durante-pan-toronto-01731311-spt.html>

Hernan Barbrier, que irão representar: Grécia, Guiné-Bissau, Líbano, Canadá, Israel, Portugal e Argentina, respectivamente (FRICKE, 2013).

No judô, os grandes eventos aceitam a participação de apenas um atleta por categoria. Assim, muitos outros que poderiam competir ficam de fora, pela forma como se dá o processo de efetivação da vaga. Esse também pode ter sido o fator motivador do jogador naturalizado catari Rafael Capote. Desde o final dos anos 1990, Cuba¹⁶ não vem participando dos principais eventos da modalidade de forma regular.

Dificuldade de conseguir espaço na seleção de seu país

Muitas vezes o atleta não teria grandes oportunidades internacionais em seu país de origem, em razão de a quantidade de jogadores capacitados ser muito grande. Diante dessa constatação, percebe que não teria chance de disputar os principais eventos nas equipes nacionais. Nessa situação, ele migra ou consegue um contrato de trabalho em um país para jogar profissionalmente. Em seguida, após a adaptação e demonstrar competência, é convidado a se naturalizar, quando os dirigentes julgarem que sua presença será fundamental na composição da seleção. Esse fato ocorreu com o jogador de basquetebol norte-americano Larry Taylor, que se naturalizou brasileiro em 2012, representando o Brasil nos Jogos Olímpicos (Londres 2012) e no Campeonato Mundial (Espanha, 2014). O atleta estava ainda no grupo selecionado para a disputa dos Jogos Olímpicos no Rio 2016, mas foi cortado dias antes do evento (BALASSIANO, 2016a, b).

Busca por melhores condições financeiras

Em muitos países, o valor que se paga ao atleta é inferior ao que se estabeleceu no mercado internacional naqueles países em que a modalidade conseguiu conquistar prestígio público e midiático. Assim, o atleta busca espaço em outros centros nos quais a modalidade já se encontra consolidada. Essa situação ocorreu com o atleta cubano de voleibol Yoandy Leal Hidalgo¹⁷, que deixou seu país buscando melhores condições para a sua família. No Brasil, devido ao seu desempenho, é

¹⁶Desde o Mundial de 1999 realizado no Egito a seleção cubana esteve presente apenas no mundial de 2009 (Croácia). Nos oito últimos eventos, apenas uma participação.

¹⁷Yoandy Leal fez sua solicitação de naturalização em 2011. Foi atleta da seleção cubana até 2010. Depois de dois anos sem atuar, assinou contrato com a equipe SADA Cruzeiro, de Belo Horizonte (Brasil).

um dos jogadores mais valorizados da atualidade. Desde que recusou uma convocação para a seleção cubana, não era mais convidado para integrá-la. Para permanecer no esporte, abandonou a ilha caribenha e veio para o Brasil. Após cumprir um período exigido pela Fédération Internationale de Volleyball (FIVB), voltou a atuar em clube. Pelo seu desempenho, foi convidado a se naturalizar e, assim, poder integrar a seleção brasileira nos eventos internacionais a partir de 2017 (VOLOCH, 2016).

Os atletas de handebol naturalizados cataris

Parece que os atletas naturalizados cataris aliam o interesse pessoal frente aos interesses pelos eventos e a possibilidade financeira. Embora alguns pudessem ainda pertencer à seleção do seu país, optaram por ganhar dinheiro representando outra nação. Alguns atletas bem novos foram convidados a fazer parte do projeto iniciado quando o Catar foi indicado como sede do Campeonato Mundial de 2015, como são os casos do montenegrino Jovo Damjonovic (20 anos), do sírio Ameen Zakkar (22 anos) e do bósnio Eldar Memisevic (24 anos). O tunisiano Youssef Benali (29 anos) e o egípcio Hassan Mabrouk (34 anos) também poderiam ainda representar seus países de origem, visto que o handebol já estava consolidado nestes dois Estados-nação africanos, inclusive com participações olímpicas. Zarko Markovic (30 anos), quando se transferiu, já era um jogador consagrado, e com essa idade ainda se encontrava em condições de representar a seleção da Sérvia.

Outros atletas dificilmente teriam condições de participar de campeonatos mundiais e jogos olímpicos pelos seus países, como é o caso do atleta cubano Rafael Capote e do bósnio Danijel Saric. Cuba e Bósnia não conseguiram formar uma seleção que pudesse nesse momento estar entre as melhores do mundo, ou seja, as chances de participarem dos principais eventos seriam bem limitadas.

O atleta francês Bertrand Roiné se enquadra em outra perspectiva. Aos 35 anos, apesar de campeão mundial, já não era mais convocado para a seleção francesa quando resolveu se naturalizar. O montenegrino Goran Stojanovic (39 anos) também aderiu ao projeto na condição de goleiro, por entender que estava caminhando para o seu final de carreira.

Quando foram convidados pelo governo catari, esses jogadores já atuavam nas melhores equipes mundiais. Entretanto, optaram por seguir os trâmites exigidos pela IHF, esperando o tempo necessário para a liberação.

O que pesa então nessa tensão dos atletas naturalizados do Catar, visto que estar representando outro país é bem comum no meio esportivo em geral e o handebol não foge a essa regra?

Estamos diante de uma situação que parece assemelhar-se àquela pretendida pelos reformadores do esporte ainda na virada do século XIX para o século XX, quando pensavam o esporte com os ideais puritanos e a representação esportiva como valores morais e patrióticos (SALLES; SOARES, 1992). Portanto, sempre que algo incomoda ou fere o princípio do *status quo*, voltam à tona os discursos de ordem romântica, como fora preconizado por Galeno (1995) ao dizer que o esporte deveria representar um espaço sagrado em que o dinheiro não deveria gerir os sentimentos - uma ingênua análise do autor diante das transformações esportivas globalizadas. Ao admitir essa forma para a composição e organização das equipes representativas dos Estados-nação, o esporte parece deixar de ser uma forma civilizadora de polir os instintos humanos, tal como concebe Elias (1992, 1993). Ao ser governado pelo dinheiro estará sujeito a outras possibilidades pouco controladas, deixando escapar o ideal heroico que motivou Pierre de Coubertin e seus aliados (DaCOSTA, 1999).

Parece ainda que a maior tensão nesse processo tenha ocorrido pelo fato de a equipe catari ter conquistado o vice-campeonato mundial de handebol 2015 ao utilizar-se do expediente de contratações dos atletas. Apesar de terem seguido as normas impostas e autorizadas pela IHF, o que nas representações de clube nos mais variados esportes é bem visto e aceito, houve essa celeuma. Portanto, formar uma equipe embasada sobretudo no poder econômico, como fez o handebol catari, quebrou a harmonia e deu visibilidade a uma nova demanda internacional, diante das possibilidades das representações nacionais nos principais eventos esportivos.

A inquietude parece estar vinculada ainda ao fato de que jamais uma equipe não europeia, até este episódio, ocupou uma posição de destaque na categoria masculina do handebol internacional, conquistando uma medalha de prata na principal competição da modalidade. Esse mesmo quadro vem sendo pintado no futsal internacional, conforme constatou Fernandes (2016).

Assim, esse fato volta a gerar uma interrogação frente aos ideais esportivos das representações nacionais. Os processos de naturalização e dupla cidadania no campo das representações

esportivas, apesar de frequentes desde muito cedo no esporte moderno, continuam a causar estranheza e descontentamento. Todavia, os mecanismos que os impulsionam são constantemente repensados e discutidos, principalmente quando ferem a harmonia e o interesse financeiro. E, ao mexer com os distintos valores das representações (hegemonia esportiva, status, interesses financeiros, competências etc.), colocam em suspeição a ideia de que algo parece muito errado. O Catar, ao financiar uma equipe que suplantou o poderio europeu, certamente provocou uma nova inquietude frente aos valores morais e éticos para o esporte de representação internacional. Mudança por vir? Ou entender que as possibilidades financeiras poderão gerir novos quadros nos cenários das representações esportivas internacionais? Certamente, uma discussão perene para a sociologia do esporte.

ABSTRACT

Naturalization process of the handball athletes in Qatar

Throughout sport's history it can be noticed how common some athletes will represent countries which do not relate to their origin. The 24th edition of the World Adult Male Handball Championship occurred in 2015 in Qatar; an Arab country located in the Middle East that is linked through this sport to the Asian continent. A project from Qatari absolutist government has sought to host some major international sporting events. Up to this World Championship, Qatar's handball had no international expression. However, through a process of naturalization of athletes from different countries, they got together a team with high expertise culminating with Qatar winning the second place at the event. The naturalization and dual citizenship of the athletes are common actions in sports in general and in this case followed the rules of the International Handball Federation (IHF). This device has been used in sports in general since its inception yet in the Ancient Olympic Games. Nowadays, each federation seeks to deal with its rules for the inclusion permission process of these non-native athletes. The purpose of this essay is to draw a parallel between the fact that occurred in handball with the football game. This research will present the indicators of this naturalization process forced on the field of international sports policy that enabled Qatar to build this team, which was questioned by other participating countries. However, when checking the factsheets from other handball

teams of some European countries, it was observed that naturalization is commonplace. What seems to have created this discontent was the lack of sporting tradition in Qatar, occupying a prominent position on the map of international handball.

Keywords: handball, naturalization, sports policy, IHF, World Handball Championship Qatar 2015.

REFERÊNCIAS

BALASSIANO, F. **Conheça os dois lados da moeda com a naturalização de Larry Taylor** Disponível em: <<http://balanacesta.blogosfera.uol.com.br/2012/04/22/conheca-os-dois-lados-da-moeda-com-a-naturalizacao-de-larry-taylor/>>. Acesso em: 21 mai/2016a.

_____ **Ao Washington Post, armador Larry Taylor fala sobre sonho de jogar as Olimpíadas pelo Brasil.** Disponível em: <<http://balanacesta.blogosfera.uol.com.br/2012/05/04/ao-washington-post-armador-larry-taylor-fala-sobre-sonho-de-jogar-as-olimpiadas-pelo-brasil/>>. Acesso em: 18 mai/2016b.

CONSELHO DA EUROPA. **Os Jogos Olímpicos e as suas perspectivas futuras.** Lisboa. MEC. Desporto. 1986.

DaCOSTA, L. P. O olimpismo e o equilíbrio do homem. In: TAVARES, O.; DaCOSTA, L. P. **Estudos Olímpicos.** Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1999.

DUARTE, O. **Todas as Copas do Mundo.** São Paulo: Marron Books, 1994.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação.** Lisboa: Disfel, 1992.

ELIAS, N. Um ensaio sobre o desporto e a violência. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **Desporte y ocio en el proceso de la civilizacion.** Mexico: Fondo de Cultura Econômica, 1993.

FERNANDES, A. P. **A influência dos jogadores brasileiros no futsal internacional.** 2016. (Trabalho de Conclusão de Curso) - Departamento de Educação, UFV, Viçosa, MG, 2016.

FIFA, 58th Congress, Sydney 2008. (Circular no.1147). **Eligibility to play for representative teams.** Zurich, 18 June 2008. Disponível em: <<http://www.fifa.com/mm/document/affederation/administration/81/10/>>

29/circularno.1147-eligibilitytoplayforrepresentativeteams_55197.pdf>. Acesso em: 17 mai/2016.

FRICKE, G. **Do outro lado: legião de brasileiros naturalizados quer brilhar no Mundial** - Por diferentes motivos, sete judocas que nasceram no país vão defender seleções como Guiné-Bissau, Canadá, Líbano, Portugal, Grécia e Israel. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/judo/noticia/2013/08/do-outro-lado-legiao-de-brasileiros-naturalizados-quer-brilhar-no-mundial.html>>. Acesso em: 23 mai/2016.

GALENO, E. **El fútbol a sol y sombra**. Buenos Aires: Catálogos, 1995.

IHF. **Equipe do Qatar – Men’s Championship 2015**. Disponível em: <<http://ihf.info/files/CompetitionData/05459bd8-a610-45d1-87a9-172e0b699e38/pdf/QAT.pdf>>. Acesso em: 21 abr/2016.

MONIZ, M.; ALTHANI, S. **Naturalized Players Dominate Qatar’s Sports Scene**. 2015. Disponível em: <<http://qatarsportstanmiya.org/naturalized-players-dominate-qatars-sports-scene/>>. Acesso em: 15 de jun/2016.

OLIVEIRA, A. F. S.; BACH, P. C. T.; MELO, L. B. S.; SOARES, A. J. G. **Copa da Alemanha 2006. Futebol globalizado e o mundo de negócios na pós-modernidade**. Disponível em: <www.cbce.org.br/docs/cd/resumos/075.pdf>. 2006. Acesso em: 20 abr/2016.

PLOKHY, S. **O último império – Os últimos dias da União Soviética**. São Paulo: Leya Editora, 2014.

QATAR Handball Assoc. Disponível em: <<http://www.mdps.gov.qa/ar/Pages/default.aspx>>. Acesso em: 15 mai/2016.

REUTERS. **Quatro atletas cubanos de remo desertam durante Pan de Toronto**. 15 de julho de 2015 21h17min. Disponível em: <<https://esportes.yahoo.com/noticias/quatro-atletas-cubanos-remo-desertam-durante-pan-toronto-001731311-spt.html>>. Acesso em: 21 de mai/2016.

SALLES, J. G. C.; SOARES, A. J. G. Evolução da concepção do amadorismo no Movimento Olímpico Internacional: uma aproximação conceitual. In: TURINI, M.; DaCOSTA, L. P. (Org.). **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. Rio de Janeiro: Editora Gama, 2002. v. 2, p. 327-453.

SALLES, J. G. C. **Entre a paixão e o interesse: o amadorismo e o profissionalismo no futebol brasileiro**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, 2004.

SIEKMANN, R. Nationality and sport. **The International Sports Law Journal**, jan-abr. 2006.

SILVA, D. V.; RIGO, L. C.; FREITAS, G. S. Consideração sobre a migração, a naturalização e a dupla cidadania de jogadores de futebol. **Revista de Educação Física UEM**, v. 23, n. 3, 2012.

UOL. **Dois jogadores cubanos de vôlei desertaram nos Estados Unidos**, diz jornal em 28/05/2015. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/513812_dois-jogadores-cubanos-de-volei-desertaram-nos-estados-unidos-diz-jornal>. Acesso em: 21 mai/2016.

VOLOCH, B. **Leal: 'O sistema de Cuba não se sustentou. Meu objetivo é jogar pelo BRASIL'**. Disponível em: <<http://esportes.estadao.com.br/blogs/bruno-voloch/leal-o-sistema-de-cuba-nao-se-sustentou-meu-objetivo-e-jogar-pelo-brasil/>>. Acesso em: 21 mai/2016.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

Observação:

Este artigo foi originado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do primeiro autor, com orientação do segundo, no Departamento de Educação Física da UFV (2016).

Endereço para correspondência:

Departamento de Educação Física - UFV - Campus Universitário
36570-900 Viçosa MG
E-mail: jgsalles@ufv.br